

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE

CURSO: PEDAGOGIA - FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES INICIAIS
DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

MAGALI CARDOSO BRAGA

RENATA PEREIRA DE SOUZA

RONALDO XAVIER DA SILVA

ROSÂNGELA APARECIDA DE SOUZA

RESPIRE FUNDO... CONTE ATÉ 10!

A INDISCIPLINA COMO OBSTÁCULO AO TRABALHO DOCENTE

Brasília

2006

MAGALI CARDOSO BRAGA
RENATA PEREIRA DE SOUZA
RONALDO XAVIER DA SILVA
ROSÂNGELA APARECIDA DE SOUZA

RESPIRE FUNDO... CONTE ATÉ 10!

A INDISCIPLINA COMO OBSTÁCULO AO TRABALHO DOCENTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia – Formação de Professores para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental – Projeto Professor Nota 10, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, como parte das exigências para conclusão do curso.

Professora Doutora Maria Eleusa Montenegro.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso trata da indisciplina em sala de aula e suas conseqüências no trabalho docente. Atualmente, a indisciplina tem sido vista como um empecilho que inviabiliza a prática pedagógica e está associada à desordem e ao desrespeito às regras de conduta. Sabe-se que é impossível pensar em um ambiente escolar sem nenhum conflito; e, diante disso, percebe-se a necessidade de se conhecer as causas e as conseqüências da indisciplina e o papel exercido por todos os envolvidos no processo educativo a esse respeito. O objetivo dessa pesquisa foi identificar os comportamentos graves de indisciplina e as atitudes tomadas pelos professores diante deles, com vistas a buscar soluções práticas que pudessem colaborar com o processo educativo. A pesquisa qualitativa foi o método de pesquisa adotado para a realização do trabalho, utilizando-se de entrevistas semi-estruturadas. Foram pesquisados oito professores da rede pública de ensino do Distrito Federal, das regiões administrativas de Ceilândia, Paranoá, Recanto das Emas e Taguatinga, utilizando-se as seguintes categorias para organização, análise e discussão de dados: primeiros casos graves de indisciplina; segundos casos graves de indisciplina; medidas adotadas para os primeiros casos; medidas adotadas para os segundos casos. Os principais resultados da pesquisa direcionam para a necessidade da busca de uma escola crítica, que valorize a participação e o diálogo e favoreça a autonomia pessoal. Reforçam também a necessidade da formação continuada dos professores, visto que os docentes apresentaram formas bastante diversificadas em lidar com a indisciplina em sala de aula. Outro fator importante evidenciado durante a pesquisa foi a importância da participação efetiva da família na vida escolar do aluno.

Palavras-chave:

Indisciplina. Relação Professor-Aluno. Disciplina.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
1.1	JUSTIFICATIVA.....	4
1.2	OBJETIVOS.....	5
1.2.1	Objetivo Geral.....	5
1.2.2	Objetivos Específicos.....	5
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
2.1	CONCEITO DE INDISCIPLINA.....	6
2.2	CAUSAS DA INDISCIPLINA.....	7
2.3	CONSEQÜÊNCIAS DA INDISCIPLINA.....	9
2.4	A DISCIPLINA E O PAPEL DA ESCOLA.....	11
2.5	A DISCIPLINA E IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA.....	13
3	METODOLOGIA.....	16
3.1	ABORDAGEM METODOLÓGICA.....	16
3.2	CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	16
3.3	ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	17
3.4	INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS.....	17
3.5	CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	18
3.5.1	Especificações das categorias escolhidas.....	18
3.5.2	Organização, análise e discussão dos dados.....	18
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	28
	REFERÊNCIAS.....	30
	APÊNDICE – Roteiro de entrevista utilizado.....	32

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
CURSO: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA SÉRIES
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL – PROJETO PROFESSOR NOTA 10

Roteiro de entrevista sobre o tema: RESPIRE FUNDO... CONTE ATÉ 10!
A INDISCIPLINA COMO OBSTÁCULO AO TRABALHO DOCENTE.

Nome do(a) entrevistador(a): _____ Data: __/__/2006
Dados do entrevistado: Sexo: () Feminino () Masculino
Formação: _____ Tempo de magistério: _____

Apresente dois casos de indisciplina em sala de aula que mais o incomodou e as medidas adotadas diante da situação.

1º Caso

Medidas Adotadas:

2º Caso

Medidas Adotadas:

1 INTRODUÇÃO

1.1 JUSTIFICATIVA

Este trabalho trata da indisciplina e dos conflitos gerados por ela no ambiente escolar. O tema foi escolhido devido a inúmeras polêmicas geradas em torno dele e das dificuldades do professor em lidar com esse assunto na escola.

A indisciplina é um problema antigo da educação sendo, atualmente, motivo de freqüentes debates nos diversos setores da sociedade e um tema de difícil resolução.

Para fazermos uma análise mais completa e ampla sobre a indisciplina precisamos, segundo Vasconcelos (2006, p. 4), “considerar muitas variáveis presentes nessa realidade; é preciso levar em conta os aspectos culturais, econômicos, institucionais e psicológicos envolvidos nessa questão”.

A mídia pode influir nesse fato com a propagação da violência e de idéias contrárias àquelas que queremos para a formação das crianças, ensinando e até incentivando comportamentos indisciplinados, tanto na escola como em casa.

Hoje em dia, os pais nem sempre cumprem o papel de formação de valores morais e de limites em seus filhos, muitas vezes, devido à falta de tempo e informação ou mesmo pela desestruturação familiar.

Para auxiliar os professores nesta tarefa, que é árdua e cansativa, visamos neste trabalho, através de experiências de professores e de estudos relacionados ao assunto, oferecer elementos que possam contribuir para melhorar o relacionamento professor/aluno. Sabemos que não é possível, “num passe de mágica”, alterar a escola e as representações que os professores fazem a respeito da disciplina e da indisciplina no contexto escolar, mas entendemos que há a necessidade de se divulgar trabalhos voltados para orientação, informação e suporte aos profissionais da educação sobre essa temática.

Nesse sentido, pretendemos, ao final do trabalho, obter informações que possam responder a algumas questões: Quais são os tipos de indisciplina que acontecem

com os professores pesquisados? Como os professores lidam com a os diversos casos encontrados em sala de aula? Quais seriam as causas dessa falta de limite e respeito? Quais as soluções que podem ser adotadas pelos professores para solucionar esse problema?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

Conhecer casos de indisciplina na escola e as posturas tomadas nos diversos casos, com vistas a buscar soluções práticas que possam colaborar com o processo educativo.

1.2.2 Objetivos específicos

- Conhecer os motivos que levam à indisciplina;
- Identificar tipos de indisciplina que ocorrem dentro da sala de aula;
- Analisar as posturas tomadas nos diferentes casos;
- Apontar medidas possíveis diante de casos de indisciplina.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONCEITO DE INDISCIPLINA

Antunes (2003, p. 19-33) define a indisciplina escolar como “um incêndio na mata”, onde não há um único foco. Segundo ele, na maior parte das escolas a indisciplina emana de três focos: a escola e sua estrutura; o professor e sua conduta; e o aluno e sua bagunça. Cada um desses elementos é explicado pelo autor.

A escola pode ser um foco de indisciplina devido à sua organização interna, seus sistemas de sanções, a não integração e união entre as equipes docente e administrativa, pelo estilo da autoridade exercida, mas, sobretudo, pela ausência de clareza como encara a questão disciplinar.

O professor será um foco de indisciplina devido à existência de profissionais apáticos, desinteressados e desanimados. Esses, muitas vezes, não se dão conta de que a indisciplina se apóia em aspectos como: assiduidade e pontualidade do mestre, estruturação da aula, clareza de limites e organização da classe. Aspectos esses que não são considerados por estes professores.

O aluno é um foco de indisciplina quando está desestimulado e desmotivado dentro do ambiente escolar.

A indisciplina é identificada, segundo Antunes (2003), em classes que não permitem ao professor oportunidades plenas para o desenvolvimento do seu processo de ajuda na construção do conhecimento do aluno. O autor questiona o perfil das classes consideradas indisciplinadas: “não ficar quieta; os alunos não param de conversar; todos a toda hora, falam, discutem, conversam”.

Freire (apud REBELO, 2002 p. 41), define a indisciplina como sendo “a licenciosidade, o fazer o que quero porque quero”. E após definir também a disciplina como sendo “fazer o que posso, o que devo e o que preciso” salienta a importância da autoridade como absolutamente indispensável. Segundo ele,

indisciplina escolar pode ser analisada sob duas concepções de educação: a bancária e a problematizadora.

Na concepção bancária a disciplina imposta pelo professor é fundamental para o sucesso da aprendizagem do aluno, tem a função de aprisionamento e de controle do homem. A indisciplina escolar é de responsabilidade apenas do aluno, pois o professor é o único detentor do saber e qualquer atitude contrária à suas imposições é tratada como indisciplina.

Já na concepção problematizadora, defendida por Freire (apud REBELO, 2002, p. 47-53), a indisciplina não é só representada pelas manifestações ativistas, mas também as passivistas, pois tanto uma como a outra são encaradas como denúncia da insatisfação social e do tipo de educação praticada na escola. A finalidade da prática disciplinar não é a de silenciar o aluno, mas de ultrapassar os limites do esponteísmo e do conhecimento como senso comum, desenvolvendo a autonomia intelectual e a autodisciplina dos alunos.

Para Aquino (1996, p. 53), a indisciplina é um indicativo de uma situação em que os sujeitos que estão nas escolas, os alunos, não são aqueles para os quais a escola está preparada para atender; estes alunos não fariam parte do seu projeto, do seu objeto de trabalho, uma vez que não corresponderiam às visões idealizadas pelos professores, pela direção escolar e pelos outros funcionários.

2.2 CAUSAS DA INDISCIPLINA

Em nossas salas de aula já presenciamos ou ouvimos falar de alunos que coagem, espancam os colegas, ameaçam professores, conduzem a turma a uma liderança negativa e tumultuam a sala de aula de diversas formas.

Segundo Pereira e Pinto (2001, p.12-13), uma das causas desse tipo de comportamento seria a exclusão social. Famílias em situações extremas de desintegração e isolamento praticam atos de violência inesperados e aparentemente inexplicáveis. Muitas dessas crianças rejeitadas brincam sozinhas, no seu tempo livre, desenvolvendo uma agressividade latente. A situação da infância é ainda dominada por sinais preocupantes de privação e de pobreza extrema.

A falta de interesse e de estímulos, segundo Gomes (2000, p.15), oferece questões aos professores como: *por que os alunos não obedecem mais?; por que são tão indisciplinados?; por que enfrentam os professores e os diretores?*. Para eles o problema da indisciplina não se caracteriza um problema isolado, depende de fatores culturais ou socioeconômicos específicos. Crianças e jovens de todas as classes sociais apresentam atitudes de indisciplina e de insubordinação, o que tem gerado conseqüências variadas e desastrosas, sobretudo, no âmbito das relações entre professor e aluno.

Nós educadores, quando procuramos saber um pouco mais sobre a história de vida do nosso aluno, poderemos encontrar diversas causas para a indisciplina, relacionadas quase sempre ao seu ambiente, como influência da televisão, pais separados, baixa auto-estima, mudanças de valores, pobreza etc.

Até mesmo a não adaptação ao currículo escolar e ao espaço físico da escola (salas apertadas, falta de espaço para recreação) são, por vezes, as causas do tumulto que se instala na sala de aula.

Mas diante desse quadro, devemos discutir novas metodologias, novos caminhos para esse complicado problema que atinge todos os segmentos da comunidade escolar.

Freire (apud REBELO, 2002, p.19) bradava que “a prática de pensar a prática é a única maneira de pensar certo”.

Repensar a prática escolar não é tarefa fácil porque mexe com o conhecimento que já foi consolidado pelo corpo docente. Rebelo (2002, p. 20) nos diz que, quando nos deparamos com a questão da indisciplina, a primeira e mais banal resposta para entender tal problema é atribuir a responsabilidade pela “perturbação da ordem” aos que mais facilmente podem ser imputados: alunos e alunas!

Sobre o assunto, Freire (apud REBELO, 2002, p. 26) ressalta que:

Somos presença consciente no mundo e não podemos escapar à responsabilidade ética no meu mover no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultura ou de classe ou de raça, sou irresponsável pelo que faço no mover no mundo e se careço de responsabilidade não posso falar de ética nem tampouco em esperança.

O que devemos ter sempre em mente é que somos agentes da educação e que a mesma se transforma conforme o passar dos tempos; os valores e as necessidades do conhecimento são outros; o ensino de tomar decisões hoje se torna necessário, e não somente a réplica de modelos antigos. Todos os envolvidos no processo educativo devem ter a consciência do seu papel como agente transformador dessa realidade.

Somente com a ajuda de todos os segmentos da educação poderemos oferecer uma educação de qualidade e direcionar o comportamento inadequado do educando para os padrões de nossa sociedade.

Rebelo (2002, p.12) relaciona a indisciplina à “concepção bancária de educação adotada pela quase totalidade dos professores, concepção esta que aponta o aluno como único responsável pela indisciplina escolar”.

A “concepção problemalizadora” seria o melhor caminho a seguir, pois nela o aluno deixa de ser o único culpado pela indisciplina. Segundo o autor, os fatores e causas da indisciplina nessa nova concepção são:

[...] a resistência dos professores diante de propostas; a prática pedagógica domesticadora desenvolvida nas salas de aula; a má formação docente inicial e contínua; os pais menos participativos na vida dos filhos; o currículo fechado, despreocupando com a realidade local; a falta de prioridade das políticas públicas educacionais alinhadas com a realidade das escolas. (REBELO, 2002, p.12-13).

Já Antunes (2003, p. 24-26) faz uma reflexão sobre alguns aspectos relacionados ao professor que podem ser fatores causadores da indisciplina e que, quando não considerados, podem suscitá-la. São eles: assiduidade e pontualidade do professor; estruturação das aulas, maneira como se administra a indisciplina e organização da classe.

2.3 CONSEQUÊNCIAS DA INDISCIPLINA

No educando que assiste aos colegas agirem de uma forma inadequada, segundo Pereira e Pinto (2001, p.20-21), é provocado um sentimento de incapacidade e mal-estar, gerando sofrimento a estes observadores passivos. Às vezes, vive-se um mal-estar associado aos conflitos latentes, não resolvidos nas

relações entre alunos e professores. A médio e a longo prazo as crianças que cometem atos de indisciplina e também aquelas que os aceitam passivamente têm menores oportunidades de aprender.

Sabemos que os alunos, por conta de freqüentes interrupções e de um ambiente escolar com correntes casos de indisciplina, não conseguem desenvolver suas atividades de forma adequada.

Kurs (apud GOMES; MIR; SERATS, 2000, p. 29) lista alguns sentimentos por parte do professor, que surgem nessas situações, como sentimentos de ameaça, derrota, ofensa e de desamparo.

Neste mesmo sentido, Aquino (2003, p.24) afirma que é inegável a sensação de insatisfação com a profissão, quando não de desalento, que assola boa parte dos educadores, independente do contexto e do nível escolar, não sendo, segundo ele, um “desprivilégio” apenas do ensino público.

Para Aquino (2003, p.11-12), suspeita-se que o crescimento da indisciplina é progressiva a tal ponto que, em certos momentos, não restaria aos educadores senão as inevitáveis exclusões, como exemplo intimidatório para os demais alunos.

Ainda, segundo o autor, supõe-se que há esforços em livrar os alunos medianos de serem corrompidos pela influência negativa dos alunos que apresentam “casos graves” de indisciplina pois, através dela, podem surgir outros hábitos ainda mais graves como a ociosidade, a violência, as drogas, o sexo irresponsável etc. Neste caso, os denominados “líderes negativos” deveriam ser neutralizados de forma a não exercerem essa influência aos demais.

Não se sabe, por fim, qual será o futuro reservado aos nossos alunos. Isso é, no mínimo, temeroso na medida em que a escola poderia fazer muito pouco ou quase nada contra a degradação da sociedade, simbolizada pela indisciplina generalizada das novas gerações; provavelmente um mundo em “escombros”.

Primeiro, os professores tentam o aconselhamento constante; depois as punições e, como último recurso, os encaminhamentos parapedagógicos. Estes são recursos adequados para a maioria ainda livre dessa influência e, ao mesmo tempo, para atender a minoria problemática.

Desta forma, percebe-se que os hábitos indisciplinados dos alunos são incompatíveis com as expectativas dos professores, onde acaba ocorrendo a priorização do domínio disciplinar em detrimento do âmbito pedagógico e intelectual, à medida que se torna o principal obstáculo ao trabalho docente, conforme afirmação a seguir.

Na contramão de uma compreensão da indisciplina como um desafio que condiciona o diálogo entre as gerações escolares, a conduta desregrada dos alunos vem sendo tomada como o principal obstáculo para o trabalho pedagógico. (AQUINO, 2003, p. 17).

2.4 A INDISCIPLINA E O PAPEL DA ESCOLA

Tiba (1997, p.157), relaciona que a escola hoje em dia assume mais uma função que é a de educar as crianças, papel esse conferido aos pais até pouco tempo atrás, para a qual os professores não estão preparados; existe um descompasso entre essa capacitação e a solicitação dos pais em relação aos filhos. A escola recebe o educando cada vez mais cedo; aos dois anos de idade a criança já está de uniforme e “mochilinha” nas costas indo para a escola. “Precisamos refletir sobre como a escola deve desempenhar essa função formativa. O principal é que a criança seja beneficiada”, afirma o autor.

Esse escritor (1997, p.23), relata, ainda, que muitas crianças vão para a escola para serem criadas. Com isso, o professor encontra dificuldades. A indisciplina é o resultado natural da falta de educação. O que se prega hoje é a responsabilidade do aluno por sua aprendizagem, porque o sistema antigo – “eu professor, ensino; os alunos, escutam e aprendem” - ficou obsoleto.

O professor não é o único responsável pela aprendizagem. Sua nova tarefa é orientar o estudante na busca e no processamento das informações desejadas e assim atingir o objetivo, deixando de ser a “única verdade” que o aluno deve ouvir.

Tiba (1997, p.23), por sua vez, afirma que o aluno não é mais um mero repetidor do que fala o professor. Também é função do professor introduzir novos elementos, como disciplina, gratidão, religiosidade etc., para avaliação da saúde relacional. O poder e o prazer são os grandes benefícios de ensinar aprendendo. Com isso, a criança torna-se parte integrante de sua educação, formando seus

conceitos e sendo orientada em suas necessidades. Ela estaria indo à escola não somente para aprendizagem de conteúdos, mas adquirindo conceitos para sua formação moral.

Segundo Aquino (1996, p.39), a “escola estaria a serviço da apropriação, por parte da criança e do adolescente, dos conhecimentos acumulados pela humanidade. Outros remeteriam a uma dimensão socializante da escola, definindo-a como ensaio, para o convívio em sociedade”. Essa visão de aprendizagem muitas vezes se torna utópica, quando o professor se depara com uma turma indisciplinada.

Braune, citado por Moraes (apud AQUINO, 1996, p.40-41) nos traz o relato de um texto de 1922, sobre a disciplina, intitulado “Recomendações Disciplinares”. Vejamos uma parte desse trecho, a qual nos remete a uma educação tradicional:

“Não há crianças refractarias à disciplina, mas somente alunos ainda não disciplinados”. A disciplina é factor essencial do aproveitamento dos alunos e indispensável ao homem civilizado. Mantém a disciplina, mais do que o rigor, a força moral do mestre e o seu cuidado em trazer constantemente as crianças interessadas em algum assumpto útil.

Em classe a disciplina deverá ser severa:

- os alunos manterão entre si silencio absoluto;
- não poderá estar de pé mais que um aluno;
- a distribuição do material deverá ser rápida e sem desordem;
- sempre que se retirem da sala os alunos a deixará na mais perfeita ordem.

- No recreio a disciplina é ainda necessária para que elle se torne agradável aos alunos bem comportados

[...]

Ao findarem os trabalhos do dia, cada classe seguirá em forma e em silencio até a escada da entrada, e só descida esta, se dispensarão os alunos.

Nesse trecho podemos ver a disciplina do início do século XX, onde esta era imposta por castigos e punições. Poderíamos até ter saudade de uma época que as crianças não ameaçavam, permaneciam quietas, só falavam se fossem solicitados e onde havia uma aparente harmonia, mas esse modelo militar de educação tinha o respeito através do medo e hoje com a escola nova e a construtivista procuramos uma disciplina por respeito e admiração.

Aquino, sobre a disciplina de hoje (1998), no diz que “hoje, o professor não é mais um encarregado de distribuir e fazer cumprir ordens disciplinares, mas um profissional cujas tarefas nem sequer se aproximam dessa função disciplinadora, apassivadora, silenciadora, de antes”.

As relações mudaram, afirma Aquino (1996 p.50), nos dizendo que, hoje, professor e aluno formam um conjunto para desenvolver uma nova educação, nos vínculos do cotidiano e, principalmente, na maneira com que nos posicionamos perante nosso outro complementar. Afinal de contas, o lugar do professor é imediatamente relativo ao de aluno, e vice-versa. Vale lembrar que guardadas as especificidades das atribuições de agente e clientela, ambos são parceiros de um mesmo jogo. E o nosso rival é a ignorância.

Aquino propõe, ainda, que cabe ao professor poder criar condições para sedimentar a moral e o conhecimento de regras, e que os alunos já trazem esta infra-estrutura mesmo quando ela se apresenta de maneira fragmentada. Se o professor pautar os parâmetros relacionais no campo de conhecimento, ele certamente será capaz de (re) inventar a moralidade do discente.

Vemos também a necessidade de um caminho para a harmonia na relação escolar. Sobre este aspecto, Tiba (1997, p. 27-36) faz um paralelo do relacionamento professor-aluno com a Teoria Integração Relacional, que é um conceito de saúde biopsicossocial para o melhor entendimento do ser humano e seus relacionamentos na busca de uma melhor qualidade de vida, realizando seus potenciais. Ele relaciona a aprendizagem com o ato de comer; quanto mais atraentes estiverem os pratos que o cozinheiro professor dispor sobre a mesa, mais os alunos desejarão saboreá-lo.

A maior motivação que os educandos devem ter para as aulas seria a sua aplicabilidade em seu cotidiano, devendo prepará-lo para a vida. Essa sim seria uma grande motivação para o aluno. Ele afirma que temos que mostrar aos nossos jovens que vive melhor quem sabe mais, pois tem condições de resolver as situações cotidianas com maior eficiência.

Segundo Aquino (1998), uma sugestão para que os professores possam trabalhar a indisciplina é mudar a forma como as regras são trabalhadas pela escola. Democratizar o ensino, pois onde há regras haverá o querer transpô-las. "Enquanto houver um educador dizendo aos alunos o que fazer, haverá estudantes protestando contra regras arbitrárias. Se a norma for: alunos não abram a boca, é inevitável que eles se manifestem", afirma esse autor.

2.5 A DISCIPLINA E A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA

Sabemos que a educação deve ter o auxílio de todos os segmentos escolares para preparar um ser conhecedor de seus direitos e deveres, que venha a contribuir futuramente para a sociedade.

A escola, a religião e a comunidade podem contribuir para a formação do ser, mas cabe à família, a maior parte dessa responsabilidade. Segundo Aquino (1996, p.48-49), a indisciplina seria indício de uma carência estrutural que se alojaria na interioridade psíquica do aluno, determinada pelas transformações institucionais na família e desembocando nas relações escolares.

A indisciplina configura um fenômeno transversal a unidades conceituais (professor/aluno/escola) quando tomadas isoladamente como recortes do pensamento. Para isso, Tiba (1997, p. 157-165) sugere educação a “seis mãos”, que se refere a uma educação equilibrada e homogênea, buscada pelo pai, pela mãe e pela escola. A escola teria a função de coordenar essa educação, às vezes prejudicada por diversos problemas familiares, ainda que corra o risco de ser abandonada pelos pais, que simplesmente matriculam os seus filhos em outro estabelecimento que lhes dê menos trabalho. Ele nos diz que o compromisso de uma educação eficaz deve ser de todos, pois os princípios básicos de uma educação são coerência, constância e consequência. Muitos desses pais querem acertar e recebem de bom grado uma ajuda que venha da escola. Faz parte da saúde psíquica o reconhecimento de falhas e a busca de soluções para elas. Criando-se um meio de comunicação entre pais e escola, cria-se um laço onde a escola poderá ajudar a corrigir alguns comportamentos indesejados do educando, além de se criar uma parceria com esses pais. A escola precisa alertar os pais sobre a importância de sua participação, ou seja, o interesse em acompanhar os estudos do filho é um dos principais estímulos para que eles estudem.

É a família que exerce, sem dúvida, uma grande influência sobre o aluno, pois é em casa que ele passa a maior parte do tempo, onde, às vezes, fica exposto à influência de programas de TV cheios de violência e a uma falsa moral, em um ambiente familiar muitas vezes desestruturado, com pais sem autoridade. Aquino (1996, p. 97) nos diz, sobre este assunto, que a atitude da família e suas práticas de

criação e educação são aspectos que interferem no desenvolvimento individual e, conseqüentemente, influenciam o comportamento da criança na escola.

Ainda de acordo com o autor (1996, p.165), só quem se sente pertencendo a um time o defende com unhas e dentes. Assim, são pais e filhos que se sentem pertencendo a uma escola: todos formam um grande time afetivo e eficiente.

Uma família, segundo Aquino (1997, p.166) que só exige da escola sem contribuir em nada, está educacionalmente aleijada.

A participação dos pais pode render outro fruto. Nada como pais e filhos realizarem uma tarefa juntos para aprenderem a se compor, numa espécie de concretização do afetivo. Uma vez “sócios” numa tarefa mensurável, eles podem perceber a composição relacional puramente afetiva, normalmente mais difícil de avaliar.

3 METODOLOGIA

3.1 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Segundo Mazzotti e Gewandsznajder (1999, p. 149), a pesquisa é a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade. Alimenta a atividade de ensino e a atualiza diante da realidade do mundo. Apesar de ser uma prática teórica, vincula pensamento e ação, pois surge a partir de um problema da vida prática.

A pesquisa adotada em nosso trabalho é a qualitativa que abrange um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atividades, não podendo ser apenas quantificados em dados matemáticos. De acordo com Chizzotti (1991, p. 79), a abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto. Segundo ele, o conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o pesquisador interpreta os fenômenos atribuindo-lhes significados e o objeto de estudo não é um dado inerte e neutro, pois está possuído de significados e relações.

Foi utilizada a pesquisa de campo qualitativa que, segundo Pedron (2001, p.135-137), consiste na observação dos fatos, tal como eles ocorrem espontaneamente. Segundo o autor, para realizar essa pesquisa é necessária primeiramente a pesquisa bibliográfica que direcionará o trabalho, a qual ajudará na elaboração do plano de pesquisa. Após a pesquisa bibliográfica “deve-se então determinar as formas tecnológicas que serão utilizadas na coleta de dados, de forma que as informações colhidas sejam representativas e significativas para a pesquisa”.

3.2 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

As entrevistas foram realizadas com oito profissionais da rede pública do Ensino Fundamental do Distrito Federal, das regiões administrativas de Ceilândia, Paranoá, Recanto das Emas e Taguatinga.

3.3 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

Este trabalho foi desenvolvido em diferentes fases, conforme descrição a seguir:

A primeira fase foi a escolha do tema, em dezembro de 2005.

A segunda fase foi a seleção de material para o início da fundamentação teórica, em fevereiro de 2006.

A terceira fase foi a continuação da fundação teórica e a elaboração do projeto de pesquisa, em março de 2006.

A quarta fase foi a elaboração do instrumento, realizada em março de 2006, e sua aplicação, em abril de 2006.

A quinta fase foi a organização, análise e discussão dos dados, em abril e maio de 2006.

A última fase foi a elaboração das considerações finais e a redação do relatório final.

3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

A entrevista foi o instrumento de pesquisa adotado no presente trabalho e é definida por Albarello (1997, p.95) como um tipo de comunicação bastante particular, pois possui uma finalidade precisa e é realizada com indivíduos que em geral não se conhecem.

Pedron (2001, p. 136) já define a entrevista como uma forma tecnológica e objetiva de colher dados de relevante importância para a pesquisa. Sabemos que a

entrevista é uma forma de aproximação das pessoas de conhecer seu ponto de vista acerca de um assunto. Cabral (apud PEDRON, p.136) fala da entrevista como uma “conversação direta com uma ou mais pessoas, para nestas suscitar certas informações, com fins de pesquisa ou de assistência na orientação, diagnóstica ou de tratamento”.

Para o conhecimento do ser humano a entrevista é um instrumento indispensável. Por meio dela é que conhecemos a forma de pensar de certo grupo de pessoas. Albarello (1997, p. 84-85) afirma que para a recolha de dados em certas investigações, a entrevista seria o único meio, sendo “também muitas vezes associada às técnicas de inquérito”.

Este trabalho obedeceu a uma metodologia do tipo qualitativo-exploratório, com base em estudo de caso sobre a indisciplina e nas medidas adotadas diante dos mesmos e, na conseqüente análise de dados, provenientes de entrevistas semi-estruturadas (Vide Apêndice).

Segundo Lüdke e André (1986, p. 53), a entrevista semi-estruturada é baseada em questões norteadoras, desenvolvidas mediante um esquema básico, permitindo a captação imediata e corrente das informações desejadas.

3.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

3.5.1 Especificações das categorias

As categorias escolhidas para organização, análise e discussão dos dados foram:

- Primeiros casos graves de indisciplina
- Segundos casos graves de indisciplina
- Medidas adotadas para os primeiros casos
- Medidas adotadas para os segundos casos

3.5.2 Organização, análise e discussão dos dados

Os oito participantes da pesquisa possuíam tempo de magistério entre oito e dezesseis anos; quatro são do sexo feminino e quatro do sexo masculino. Destes, dois possuem formação em nível médio, seis têm formação superior, sendo que dois destes haviam feito pós-graduação.

Nos casos relatados neste trabalho, os alunos tinham entre 3 anos e meio a 28 anos, compreendendo alunos da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Estes dados foram constatados nas entrevistas em que os professores mencionaram a idade do aluno, fato que não ocorreu em todos os casos.

Nas entrevistas foi solicitado que os casos fossem relatados por ordem de relevância. Neste trabalho, as medidas adotadas não foram relacionadas ao seu referido caso.

- Primeiros casos graves de indisciplina

Professor 1: “Um aluno agrediu o colega por causa de um apelido que este lhe colocara. Os alunos eram da 4ª série e tinham mais ou menos 13 ou 14 anos e tudo foi tão rápido que quando consegui separar os dois, um deles estava com a boca sangrando e um dente mole”.

Professor 2: “Um aluno de 3ª série chegou à turma no meio do ano e no primeiro dia já não fez nenhum dever; ameaçou e espancou alguns alunos e estragou a grade da janela”.

Professor 3: “O caso aconteceu na Escola Classe 01 do Paranoá numa turma de Classe de Aceleração de Alfabetização (CAA). Um aluno de 9 anos chegou à escola já atrasado, como era de costume, e começou a mexer com alguns colegas, dando tapas em meninas e em meninos; foi quando um colega revidou, estava armada a confusão. A briga foi feia e envolveu até cadeirada. Com muito custo consegui separar a briga e levei o garoto para a coordenadora. Chegando à coordenação, ele pulou a janela e correu para a sala; a coordenadora sem querer tomar nenhum tipo de atitude pediu ao secretário da escola que fosse buscá-lo na sala. Quando o secretário chegou à sala e chamou o aluno e este então começou a

xingar e falar vários palavrões e se aproximou do secretário para dar um soco no rosto dele. Por sorte, o secretário se esquivou, mas tomou de seis a oito murros no peito e no abdômen”.

Professor 4: “Um aluno, portador de necessidades especiais (DM), todo dia após o recreio transtornava a aula que virava uma bagunça. A direção, achando que pelo fato de ter um homem como professor melhoraria seu comportamento, o colocou em minha sala. Ficou bom em minha sala no primeiro dia, mas, no segundo dia, agarrou um colega pelo pescoço e, se não fosse eu, talvez tivesse acontecido uma tragédia. Pronto! Começou a quebrar todos os vidros das janelas. Pedi que fosse chamado alguém da direção e deixei que o vice-diretor resolvesse. O aluno por ser um aluno bastante forte conseguiu acertar o rosto do vice-diretor com um soco. Juntamos, eu e o vice-diretor, e o seguramos até mesmo para evitar que ele se machucasse nos cacos de vidro”.

Professor 5: “Certo aluno de 13 anos, da quarta série do ensino fundamental, tinha o problema de apelidar os colegas em sala de aula, organizar brigas e desrespeitar a minha autoridade de professor, o que dificultava muito o desenrolar das aulas. Via-se que era um aluno problemático, com dificuldades com a família, membro de gangues na Samambaia e muito agressivo”.

Professor 6: “Um aluno de 15 anos, 7ª série, desde que chegou à escola, sempre se envolvia em tumulto, agressões, liderava a turma de forma negativa, tinha uma violência gratuita com professores e colegas de forma verbal e não atendia as minhas solicitações”.

Professor 7: “Um aluno de 5 anos de idade era agressivo comigo e com os colegas. Um dia quando fui adverti-lo, ele pegou uma cadeira e lançou em minha direção. Depois, pegou a mesma para jogá-la novamente, onde tive que segurá-lo fortemente, já que esperneava muito, até que ele se acalmasse, para que não jogasse a cadeira nos colegas”.

Professor 8: “A atitude de indisciplina de um aluno de 10 anos, na quarta série. Este não cumpria regras, era agressivo com os colegas, falava palavrões com as meninas, dentre outras coisas. Este, quando repreendido por suas atitudes tanto por mim ou por qualquer pessoa da direção, agia ironicamente, não respeitando ninguém”.

Na análise feita, nos dados dos primeiros casos graves de indisciplina, verificamos que houve principalmente relato de agressões físicas. Em alguns casos, houve também envolvimento do aluno em gangues.

Outra semelhança relatada foi o freqüente envolvimento desses alunos em confusões no ambiente escolar, o desrespeito ao professor e aos colegas de turma e de outras turmas.

Pudemos constatar, então, que casos de indisciplina que envolve violência física foram considerados mais graves pelos professores. Sobre a questão da violência, Michaud (1989) diz que:

[...] a violência ocorre quando em uma situação de interação, um ou vários autores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, seja sua integridade moral em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Notou-se que a violência física verificada nos primeiros casos também está associada a outros tipos de violência como a moral, contra professores e colegas.

O desrespeito à autoridade do professor e a falta de limites foram bastante freqüentes nesses casos. Peralva (apud TIGRE, 2002) posiciona que a violência contra o adulto é sempre motivada e pode ser vista como uma forma de protesto, dizendo que se protesta contra o mau exercício, pelo adulto, de sua capacidade de julgar e promover a justiça.

Sobre a questão do limite e do respeito às regras, Estrela (apud CURTO, 1998, p.20), diz que “se a regra não é considerada como legítima, ela surge aos olhos do aluno como uma arbitrariedade de que só será respeitada coercivamente”. Daí, a necessidade das regras serem convenientemente explicadas e discutidas com os alunos para que tenham sentido e possibilitem a manutenção da disciplina ao longo do ano.

- Segundos casos graves de indisciplina

Professor 1: “Um aluno entrou na minha sala para tomar um objeto que o aluno da minha sala tinha pegado na bolsa dele na hora do recreio. Ficou xingando o meu aluno e não queria se retirar da sala”.

Professor 2: “As alunas da sala se dividiram e começaram a disputar entre elas. Essa disputa ficou tão séria que um dia elas se enfrentaram durante o recreio fazendo a maior bagunça na escola”.

Professor 3: “Um aluno de uma turma de 3º série, ao ser questionado, por mim, por que estava faltando à aula para vigiar carro, foi logo me respondendo com grosserias e palavrões. Ao se retirar da sala para ir ao banheiro teve que retornar as pressas, pois o aluno estava estrangulando uma colega só porque a mesma não quis emprestar uma caneta para ele”.

Professor 4: “Aconteceu no EJA na Escola Gente Pequena em Planaltina – GO. Um aluno de 28 anos, considerado perigoso na região, ao discordar da nota tirada em sua avaliação começou a agredir verbalmente. Pedi para que se acalmasse e que aquela era apenas uma das notas. Ele levantou e disse que eu estava marcada e saiu”.

Professor 5: “Uma criança de 4 anos, turma de Educação Infantil, agitava muito a sala de aula, não tinha atenção nenhuma nas atividades, tirava a atenção dos colegas com brincadeiras fora de hora e não fazia as atividades que eu sugeria”.

Professor 6: “Um aluno do ensino fundamental sempre se impunha diante dos colegas fazendo-os cometerem atos de insubordinação, tumulto e quem não o obedecia ele batia muito. Ele não se interessava pelos assuntos escolares”.

Professor 7: “O comportamento de um aluno de três anos e meio, que me agredia física e moralmente, diariamente, durante a fase de adaptação. Chamava-me de “filha da puta” dentre outros xingamentos e me chutava sempre que se aproximava dele, sendo agressivo também com os colegas”.

Professor 8: “Um aluno, de uma escola em Ceilândia, era agressivo comigo e com os colegas, com agressões físicas com os alunos e orais comigo. E sempre ameaçava os colegas de morte dizendo que na casa dele havia armas”.

Nos segundos casos notamos que, na maior parte deles, houve agressões físicas, verbais e morais. As agressões físicas foram mais associadas à relação aluno-aluno e as agressões verbais à relação professor-aluno. Em todos os casos foi observado o desrespeito à autoridade do professor, principalmente na questão da observação das normas ou regras de conduta; falta de interesse pelas atividades escolares; tumultos causados na escola; e até ameaça ao professor.

Nesses casos, também se pôde observar que a questão da indisciplina escolar não tem ligação direta com a idade do aluno, uma vez que há casos de crianças de educação infantil, ensino fundamental, séries iniciais e até casos de adultos, como na EJA. Isso é um aspecto também abordado por Aquino (2003, p.9) onde ele diz que a idade dos envolvidos “não se apresenta como um nítido divisor de águas: os exemplos disciplinares podem ocorrer desde a educação infantil até a universidade...”.

Para o autor, a maioria dos professores não sabe lidar com atos indisciplinados porque muitas vezes não os entendem na sua complexidade.

Segundo La Taille (apud AQUINO, 2003, p. 13) o ato indisciplinado pode possuir diferentes significados. Isso pode se dar da seguinte forma:

Disciplina remete regras. Com efeito, a pessoa disciplinada segue determinadas regras de conduta. Logo, disciplina corresponde ao que chamamos de moral: o respeito por certas leis consideradas obrigatórias. Portanto a pessoa indisciplinada transgride as leis que deveria seguir. (...) A indisciplina pode, às vezes, vir em decorrência de bons motivos éticos. Se as regras não fazem sentido (e há muitas nas escolas) e se derivam de valores suspeitos (como a subserviência cega à autoridade), a indisciplina pode se justificar eticamente. (...) Há indisciplinas eticamente válidas, desobediências legítimas, graças às quais, aliás, a sociedade acaba por evoluir. Mas pensemos agora nas formas de indisciplina que ferem as leis morais, estas definidas como garantia de respeito a direitos legítimos. Transgressões desse tipo também podem acontecer na sala de aula. Por exemplo, o insulto, a agressão física, o tratar o professor como se fosse um objeto, não ouvi-lo, fingindo que não está presente, que não existe.

A indisciplina, de acordo com La Taille (apud AQUINO, 2003, p. 14), poderia ter lados contraditórios: um ato imoral, porém ético, ou um ato imoral e, ademais antiético. O que importa é o porquê da desobediência. Se o ato de indisciplina visa melhoria em termos éticos, é, portanto, uma forma de crescimento, de evolução. Se o mesmo não tem outro sentido senão a não aceitação de princípios válidos, perderá retidão.

Então a linha divisória das indisciplinas está nas dimensões morais e éticas, nos atos indisciplinados sem sentido de melhoria (dimensão moral) e naqueles que visam melhorias (dimensão ética).

- Medidas adotadas para os primeiros casos

Professor 1: “Encaminhei os dois para a direção, pois ambos estavam errados e lá levaram advertência; os pais foram chamados na escola e também se desentenderam, pois, cada um defendia seu filho”.

Professor 2: “Comuniquei no mesmo dia o fato à direção e ele foi chamado; deram advertência e comunicaram aos pais e eles pagaram o conserto da janela”.

Professor 3: “Liguei para a mãe, pedi para que viesse à escola para conversar sobre ele. Quando ela chegou, acompanhada por ele, foi logo dizendo que já havia conversado com o filho e que ele havia prometido que faria de novo. Foi dada uma suspensão de três dias e ficou por isso mesmo”.

Professor 4: “Chamei os pais do aluno, mas os mesmos não compareceram nem para assinar a suspensão do filho e, dias depois, o aluno voltou como se nada tivesse acontecido e nenhuma medida foi tomada pela direção da escola”.

Professor 5: “Os pais foram comunicados, e foi descoberto que a criança era hiperativa, a qual os pais não aceitavam o diagnóstico apresentado e não sabiam lidar com as ações da criança. Não foi feito um atendimento mais direcionado ao aluno”.

Professor 6: “Tornei-o ajudante da turma e o colocava do lado de minha mesa, de forma que o “isolava” do resto da turma. Com conversas diárias mostrando os limites que deveria ter perante a turma e com professores; a liderança tornou de negativa a positiva”.

Professor 7: “O aluno foi levado à direção; os pais foram convocados imediatamente, pois como eu havia segurado forte para tentar contê-lo, os pulsos e braços haviam ficado vermelhos. Então os pais foram chamados para tomarem conhecimento da situação e dos motivos das manchas vermelhas nos braços, para que eu não fosse acusada de agressão física”.

Professor 8: “O aluno após conversas e advertências escritas e orais, foi mandado para o SOE (Serviço de Orientação Escolar) onde a orientadora solicitou a presença dos pais. A mãe do aluno relatou que este vinha agindo assim em casa também e que isso tinha se iniciado com a morte do pai há 2 anos atrás. Foi solicitada uma avaliação psicológica para o aluno”.

Analisando as primeiras medidas adotadas, notamos que as atitudes dos professores foram basicamente o encaminhamento do aluno à direção e a conversa com os pais. Verificamos também atitudes como o encaminhamento para o atendimento psicopedagógico e ainda a preocupação em conhecer a realidade do aluno, procurando entendê-lo melhor para saber como intervir no seu comportamento negativo.

Quando levamos ao conhecimento do apoio escolar uma situação de indisciplina em sala de aula, por vezes achamos que o problema é só do aluno, mas, segundo Rebelo (2002, p.63), “nem professor, nem aluno, são o centro das atenções, mas a relação entre os dois, ou seja, tanto um como o outro são importantes no processo ensino-aprendizagem”.

Em um dos casos, a professora tentou se aproximar do aluno, conversando com ele e traçando um acordo com o mesmo, e em uma de suas falas disse que a indisciplina poderia se resolver com a afetividade. Sobre esse assunto, Veiga (2001, p.26) nos diz que:

[...] estabelecer um diálogo e a maneira que o professor se comunica com o aluno pode ter influência decisiva, podendo afetar a vida do aluno para o bem ou para o mal; com o objetivo de chegar à mente do aluno o professor deve chegar primeiro ao coração.

Assim, a afetividade e a relação professor-aluno desempenham um papel fundamental para o bom decorrer das aulas, onde o resultado é a grande recompensa do professor.

Nota-se também que, para haver essa boa relação, o professor deve ter o auxílio dos pais, o que muitas vezes não acontece. A escola tem desempenhado um papel muito importante nessa aproximação quando propõe aos pais um apoio para o desenvolvimento pessoal.

Em um dos casos, o aluno evadiu, mesmo depois da conversa com os pais e do apoio da escola. Freire (apud REBELO 2002, p.79) nos diz que “as crianças populares brasileiras não evadem por que querem... É a estrutura da mesma sociedade que cria uma série de impasses e de dificuldades”.

- Medidas adotadas para os segundos casos

Professor 1: "Nesse caso eu chamei os dois para fora da sala e conversei com eles para saber realmente quem tinha razão e descobri que meu aluno não tinha pegado e sim tinha um brinquedo igual. O outro aluno foi para a sala dele e não fiquei sabendo se ele encontrou o que queria".

Professor 2: "Reuni as envolvidas na confusão, dei-lhes uma bronca e daquele dia em diante não houve mais nenhum confronto entre elas".

Professor 3: "A mãe foi chamada e começou a chorar dizendo que ele era uma criança especial e que se ele fosse suspenso ela perderia o Renda Minha e não resultou em nada".

Professor 4: "Depois de conversas exaustivas com o aluno, levei o caso para a direção da escola para que fossem tomadas outras providências. A direção chamou os pais que foram avisados de que este seria suspenso por três dias e que em outras ocorrências poderia ser transferido da escola".

Professor 5: "Fui conhecer um pouco mais da vida do aluno e descobri que ele morava em orfanato; fui conhecer o ambiente em que ele morava e lá eu fiz 'um acordo de paz'. Acredito que com a afetividade e respeitando os limites do educando pode-se resolver os problemas de indisciplina, redirecionando o comportamento negativo para o positivo".

Professor 6: "Conversei com a família e foi começado um trabalho de orientação a este aluno, mas infelizmente não houve resultado e o aluno evadiu da escola".

Professor 7: "Inicialmente, tentei conversar com ele sobre seu comportamento e como as conversas não estavam trazendo resultados positivos, este foi encaminhado para a direção (Equipe de Apoio), para tentarem, junto aos pais do mesmo algum modo de mudança. Fiz várias dinâmicas de socialização que vieram a amenizar o problema".

Professor 8: "Conversei com o aluno sobre suas atitudes; encaminhamento do mesmo para a direção da escola, que acionou o Conselho Tutelar para intervir no caso".

As segundas medidas adotadas foram, em sua maioria, conversas informais entre o professor e o aluno, sendo esses casos resolvidos ou amenizados em sala.

Nos casos em que só o diálogo não resolveu, houve ainda encaminhamento ao atendimento psicopedagógico. Nesses casos, os professores também colocaram os alunos indisciplinados como seus ajudantes, dando-lhes certas responsabilidades.

Sabemos que a relação professor-aluno exerce uma grande influência na vida do educando. Quando o professor se aproxima do aluno, tornando-o seu colaborador, ele oportuniza um relacionamento interpessoal, onde há uma troca de experiências positivas.

Segundo Aquino (1996, p. 92), “as características de cada indivíduo não são dadas *a priori*, nem tampouco determinadas pelas pressões sociais”. Ele acredita que a interação do educando com o meio vai sendo formada em um ambiente físico e social, e onde irá incluir dimensões interpessoais e culturais, com trocas recíprocas com o meio, onde as transformações intervêm no universo que os cerca.

Nas medidas tomadas pelos professores vimos que eles conversaram e orientaram seus alunos. Leontiev (apud AQUINO, 1996, p.93) fala que as características de cada indivíduo são construídas “ao longo da vida e através de um processo de interação com o meio social”. Assim, nossa cultura é modificada e melhorada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A importância da reflexão sobre a indisciplina na escola e principalmente sobre as atitudes tomadas diante dos diversos casos encontrados, foi o que ficou evidenciado como essencial para a busca da harmonia dentro do ambiente escolar.

Pode-se perceber que os professores têm visões diferentes acerca do tema indisciplina e por isso suas atitudes diante dela são bastante variadas.

Outro ponto importante foi a constatação durante o estudo teórico, de que as causas da indisciplina envolvem diversos aspectos. Não é o aluno o único responsável pela desordem no ambiente escolar, pois os atos indisciplinados podem estar ligados também às atitudes do professor, à estrutura e regras da escola, à influência da mídia, à família e a outros fatores que podem ser causadores da indisciplina no aluno. Daí, a necessidade da reflexão e do bom senso.

Verificou-se também que a escola e os professores não têm essa consciência sobre a indisciplina e ainda responsabilizam apenas o aluno pela sua conduta insatisfatória, deixando de lado a análise sobre os motivos que precedem atos considerados indisciplinados. Sobre este aspecto, Estrela (apud CURTO, 1998, p.22) ressalta que, “a formação de professores deveria ser orientada por valores democráticos no sentido da prevenção das situações de indisciplina favorecedora de um clima relacional e disciplinar propício ao desenvolvimento moral e social do aluno e às aprendizagens escolares”.

Contudo, percebe-se a necessidade da preparação de todos os envolvidos no processo educativo, principalmente do professor, para lidar com casos específicos de indisciplina pois, como a sociedade está em constante mudança, a escola tem de estar preparada para acolher e enfrentar de forma consciente, com fundamentos legais e pedagógicos, os problemas sociais refletidos na mesma. Antunes (2003, p.54-59) aborda alguns passos para a boa gestão da indisciplina em sala de aula. Entre eles, vale destacar os seguintes:

[...] estabelecer, se possível em consenso com a própria classe os limites desejáveis das condutas e cobrá-los sempre de maneira imediata e coerente; mostrar sempre uma disposição para manter a calma e a serenidade, mesmo em situações mais difíceis; distribuir com uniformidade, serenidade e justiça a atenção a todos; analisar com calma as razões que podem levar alunos ao desinteresse ou indisciplina e discutir particularmente com o mesmo essa postura; cumprir com integridade tudo quanto prometeu; mostrar atenção aos problemas dos alunos...

Algumas medidas e sugestões foram encontradas durante nosso estudo teórico que podem servir de apoio ao trabalho docente no que diz respeito às formas de o professor lidar e/ou evitar a indisciplina.

Concluímos que a indisciplina pode ser direcionada e conduzida para pontos positivos. A criança deve construir sua moralidade, seus sentimentos, crenças, juízos e valores, em uma ação conjunta com pais, professores e direção dentro da escola.

Verificamos que o tema indisciplina é bastante relevante e vasto, podendo ser estudado ainda sobre outros aspectos. A visão do aluno sobre a escola, enfocando a indisciplina, seria um tema importante a ser analisado em estudos posteriores, sendo que eles podem fornecer informações importantes sobre os seus motivos e dar indícios de possíveis soluções para os problemas enfrentados pela escola nesse sentido.

Assim, fica clara a importância do diálogo como foco importante no processo formativo. A troca, a visão dos dois lados, aluno-escola, aluno-professor, pode vir a refletir diretamente na prática pedagógica, onde o aluno passa a atuar também como membro de sua educação. Isso nos remete à educação libertária, onde Freire (apud PASSET, 1998) fala que “a pedagogia que o toca, é a pedagogia que escuta, provoca e vive a difícil experiência da liberdade, reconhecendo que há uma distorção, o autoritarismo”. A partir desta visão, o autor sugere a procura de uma pedagogia para a liberdade, contrária à concepção autoritária da sociedade.

REFERÊNCIAS

ALBARELLO, Luc. et al. *Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1997.

ANTUNES, Celso. *Professor bonzinho = aluno difícil: A questão da indisciplina em sala de aula*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.

_____. *Indisciplina: O contraponto das escolas democráticas*. São Paulo: Moderna, 2003.

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. São Paulo: Cortez, 1991.

CURTO, Pedro Mota. *A escola e a indisciplina*. Portugal: Porto, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GOMES, Maria Teresa. et al. *Como criar uma boa relação pedagógica*. Portugal: Asa, 2000.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.

LA TAILLE, Y. A questão da indisciplina: ética, virtudes e educação. In: DEMO, P., DE LA TAILLE, Y.; HOFMANN, J. *Grandes pensadores em educação: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação*. Porto Alegre: Mediação, 2001.

MAZZOTTI, Alda Judith Alves; GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais; pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1999.

MICHAUD, Ives. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989.

PASSET, Edson. *Conversação libertária com Paulo Freire*. São Paulo: Imaginário, 1998. Disponível em: <<http://www.nu-sol.org/nu-sol/integrantes/edson/pfreire.html>>. Acesso em: 29 maio 2006.

PEDRON, Ademar João. *Metodologia Científica: Auxiliar do Estudo, da Leitura e da Pesquisa*. Brasília: do Autor, 2001.

PEREIRA, Beatriz; PINTO, Adelina Paula. *A Escola e a Criança em Risco: Intervir para Prevenir*. Porto: Asa, 2001.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. *Indisciplina escolar - causas e sujeitos*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TIBA, Içami. *Quem ama educa*. São Paulo: Gente, 2002.

TIGRE, Maria das Graças. *Violência na escola: análise da influência das mudanças socioculturais*. Disponível em: <www.anped.org.br/26/trabalhos/mariadasgracastigre.rtf>. Acesso em: 28 maio 2006.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. *A disciplina e a indisciplina como fatores fundamentais de formação do aluno crítico no mundo atual*. Disponível em: <http://www.escolainterativa.com.br/conteudo/encontros_reg/Arquivos/p_MarioSergio_Disciplina_Indisciplina.doc>. Acesso em: 04 maio 2006.

APÊNDICE